

EUA não conseguem reduzir dívida do Terceiro Mundo

Manoel Francisco Brito

Correspondente

WASHINGTON — O grau de ansiedade dos Estados Unidos com relação ao futuro de sua nova estratégia de redução da dívida para os países em desenvolvimento anda altíssimo. Os americanos adorariam empacotar entre os temas que o presidente George Bush vai levar para discutir daqui a uma semana, em Paris, com os chefes de governo das sete potências industriais, uma história de sucesso do seu novo plano para a dívida. Infelizmente, o México — único país que até agora se candidatou a tentar uma redução de seus débitos junto aos bancos americanos — e os banqueiros negociam há quase dois meses um novo pacote financeiro sem, contudo, chegarem a nenhum acordo.

A decepção americana era tão grande na semana passada com as negociações entre os bancos e os mexicanos que a Casa Branca, apoiada pela Secretaria do Tesouro, tentou inclusive retirar a questão da dívida da agenda de debates em Paris. A manobra encontrou resistências entre os europeus, principalmente dos franceses, e os Estados Unidos capitularam. Justamente por causa disso, o governo americano, que andava no mais absoluto silêncio sobre as desventuras de seu plano para a dívida, resolveu voltar a tocar no assunto. Contribuíram também para isso as notícias de que o Brasil atrasou seus pagamentos ao Clube de Paris, que esta semana deveria começar a receber US\$ 800 milhões do governo brasileiro.

Especulações — “As notícias do Brasil, muito embora não tenham pego ninguém de surpresa, serviram para colocar mais pressão sobre os americanos para materializarem as promessas do plano de redução da dívida”, comentou um diplomata estabelecido nesta capital. “A situação brasileira deixa clara a deterioração da economia latino-americana. Foi contra ela que os Estados Unidos apresentaram suas propostas de redução da carga de endividamento do continente. Elas precisavam começar a apresentar algum tipo de resultado.” E justamente a falta disso que, no momento, incentiva especulações de que, em Paris, os sete grandes países industrializados vão discutir modificações no plano original para tentar concretizar seus benefícios de modo mais rápido.

Ontem, tanto o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, quanto seu subsecretário para Assuntos Internacionais, David Mulford, prometeram que a dívida seria debatida em Paris. Nenhum dos dois, porém, revelou o rumo que estas próximas conversas poderão tomar e descartaram qualquer possibilidade de que seja discutido um aumento dos recur-

sos destinados à recompra dos papéis da dívida com desconto. “Os recursos à disposição são mais do que suficientes para os próximos três anos”, disse Brady com relação aos US\$ 16,5 bilhões alocados pelo FMI, Banco Mundial e Japão para a empreitada. No entanto, ambos fizeram questão de afirmar que a proposta de redução da dívida é não só viável, como caminha perfeitamente dentro do prazo esperado. “Nós estamos maravilhados com o que conseguimos até agora”, sorriu Mulford ao referir-se ao período de tempo que o FMI, o Banco Mundial e os países industrializados levaram para alocar recursos para a redução da dívida e organizar as novas regras de negociação.

Preço — “Isto foi feito em apenas dois meses”, disse Mulford, apontando para o fato de que o contexto em que as negociações entre devedores e credores acontecerão daqui por diante é extremamente diferente daquele que existiu até março deste ano — quando o novo plano foi anunciado — e que portanto não se deve exigir pressa nas conversas entre o México e os banqueiros. “Pedir prazos para negociações deste tipo, que se dão em situações completamente novas, é injusto na minha opinião. O que importa agora é atentar que ambas as partes, o México e os banqueiros, aceitam a proposta de redução da dívida, o que não torna a situação menos complexa. É complicado, por exemplo, que um banqueiro converse a partir da idéia de que ele não vai receber exatamente tudo que emprestou”, afirmou Mulford.

Com ele, fez coro o seu chefe, Nick Brady. “A questão não é de tempo, mas de preço, isto é, qual o valor de recompra que será atado aos papéis com desconto da dívida”, disse Brady. “Isso é o que atrasa as negociações”, observou. “Estão todos olhando para o México”, admitiu Mulford ao responder uma pergunta sobre que outros países poderiam se beneficiar, a curto prazo, das propostas de redução da dívida. Mulford citou como prováveis beneficiários a Venezuela, as Filipinas, a Costa Rica e até o Uruguai.

Brasil — O Brasil ficou fora de sua lista. “O Brasil ainda está em discussões com o FMI”, disse Mulford, que preferiu encerrar com tranqüilidade os atrasos do país quanto aos seus pagamentos da dívida. “O que o Brasil está fazendo não é uma moratória. O governo indicou sua intenção de retomar os pagamentos, tão logo solucione seus problemas de reservas monetárias e câmbio”, reiterou, adiantando também que não existe agora uma intenção do governo americano em arranjar um empréstimo-ponte para o governo Sarney. “No momento, eles não estão precisando disso”, concluiu.